

Revista de  
**Direito Econômico e  
Socioambiental**

ISSN 2179-8214

Licenciado sob uma Licença Creative Commons



# **REVISTA DE DIREITO ECONÔMICO E SOCIOAMBIENTAL**

vol. 9 | n. 1 | janeiro/abril 2018 | ISSN 2179-8214

Periodicidade quadrimestral | [www.pucpr.br/direitoeconomico](http://www.pucpr.br/direitoeconomico)

Curitiba | Programa de Pós-Graduação em Direito da PUCPR



## **Resenha: “Sapiens: uma breve história da humanidade”, de Yuval Noah Harari**

*Book review: “Sapiens: uma breve história da humanidade”,  
written by Yuval Noah Harari*

**Amélia do Carmo Sampaio Rossi\***

Pontifícia Universidade Católica do Paraná (Brasil)

amelia.rossi@pucpr.br

Recebido: 10/03/2018

Aprovado: 23/03/2018

Received: 03/10/2018

Approved: 03/23/2018

### **Referência da obra resenhada**

HARARI, Yuval Noah. **Sapiens: uma breve história da humanidade**. Trad. Janaína Marcoantonio. Porto Alegre: L&PM, 2015. 464p. ISBN 978-85-254-3218-6.

Nesta obra o autor Yuval Harari, historiador, doutor em História pela Universidade de Oxford, professor da Universidade Hebraica de Jerusalém e

Como citar esta resenha/*How to cite this book review*: ROSSI, Amélia do Carmo Sampaio. Resenha: “Sapiens: uma breve história da humanidade”, de Yuval Noah Harari. **Revista de Direito Econômico e Socioambiental**, Curitiba, v. 9, n. 1, p. 427-432, set./dez. 2017. doi: 10.7213/rev.dir.econ.soc.v9i1.24035

\* Professora Titular da Escola de Direito e do Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas e Direitos Humanos da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (Curitiba-PR, Brasil). Doutora e Mestre em Direito pela Universidade Federal do Paraná. E-mail: amelia.rossi@pucpr.br

especializado em história mundial, nos leva de maneira muito leve, interessante e também polêmica, pela história da passagem e evolução da espécie humana pelo planeta Terra. Importante notar que a perspectiva do autor não é apenas e exclusivamente histórica, mas uma combinação interdisciplinar entre história, biologia, antropologia, economia e considerações filosóficas como a ideia de felicidade e a ideia de justiça. Esta característica deixa a leitura enriquecida e extremamente agradável, pela gama de informações, mas também pelo senso refinado de humor crítico do autor.

O livro trabalha praticamente 70.000 anos da história humana e inicia no contexto narrativo da primeira importante revolução que nos impulsionou adiante, a Revolução Cognitiva (ao todo serão três grandes revoluções, a Revolução Cognitiva, a Revolução Agrícola e a Revolução Científica). De começo, o autor demarca a insignificância da espécie humana, já que na realidade existiram várias espécies humanas ou em outras palavras, várias espécies do gênero homo (*Homo rudolfensis*, *Homo erectus*, *homo neanderthalensis*, etc.), mas apenas a espécie *Homo sapiens* (homem sábio) conseguiu prevalecer, por vários motivos mas principalmente pela sua linguagem única e a sua capacidade de cooperar e criar realidades subjetivas e intersubjetivas, ou seja, a capacidade de criar, imaginar e ainda imaginar coletivamente tecendo mitos compartilhados. Por exemplo, para o historiador, entre outros, os mitos nacionalistas dos Estados Modernos, o mito do dinheiro, o mito da justiça e dos direitos humanos e também da religião.

A revolução cognitiva indica o surgimento de novas formas de pensar e se comunicar ocorridas, por mudanças genéticas, há pelo menos 70 mil anos. Essa capacidade de partilhar mitos e crenças (especialmente crenças animistas) redimensiona e potencializa a capacidade de cooperação entre os indivíduos, o que acabou por resultar na criação de culturas e padrões de comportamento diversos.

O autor nos explica que durante praticamente toda a história de seu desenvolvimento, os sapiens viveram como caçadores-coletores. Estes viviam em pequenos bandos em uma vida pré-agrícola, se deslocando constantemente em busca de comida. As habilidades técnicas e organizacionais adquiridas pelos sapiens durante a revolução cognitiva permitiram, segundo o autor, que os mesmos saíssem do continente afro-asiático e povoassem e conquistassem outros mundos como a colonização

da Austrália, há 45 mil anos. A partir daí o homo sapiens se torna a espécie mais mortífera e destrutiva do planeta Terra. Os povoadores da Austrália não apenas se adaptaram ao meio ambiente, mas transformaram todo o ecossistema australiano levando dezenas de espécies de animais à extinção. O rastro deixado pelo sapiens começa a ser marcadamente um passo de destruição.

O autor aborda, depois de uma série de informações e reflexões, o que ele chama de Revolução Agrícola. Há cerca de 10 mil anos, os sapiens deixaram para trás a vida de caçar animais e coletar plantas silvestres e passaram a dedicar seu tempo e esforços a manipular a vida de algumas espécies de plantas e animais. Entre 9.500 e 3.000 anos a.C. foram domesticados trigo, arroz, milho, batata, cevada e painço. Perceba-se que Harari entende que o indivíduo foi mais domesticado pelas plantas do que o contrário. O número de animais domesticados proporcionalmente aumentou e muitos foram usados como ferramenta de força nos arados e de produção de laticínios ou tecidos. As revoluções agrícolas ocorreram independentemente nos quatro cantos do mundo. Na perspectiva do autor, a evolução trazida se deu sob a base de muito sofrimento individual no caso dos animais, fossem eles ovelhas, bois ou sapiens. Os assentamentos agrícolas eram de pequena extensão, trabalhados e modificados em sua natureza original e conseqüentemente delimitados. Abrigavam casas, pequenos campos e celeiros que não podiam ser abandonados sem o risco da perda do próprio terreno. Junto a isso, ao longo do tempo se estabelece um acúmulo de objetos e ferramentas que os fixavam mais ao local e lhes deram a noção de propriedade privada. Os agricultores passaram a ter preocupação com o futuro não apenas em função dos ciclos sazonais de produção, mas também em função da incerteza da agricultura com as secas, a peste e as inundações. Assim, produziam e reproduziam mais e acumulavam reservas. Surgiram cidades, reinos e impérios. Não obstante os excedentes de produção serviram muito mais para alimentar a política, a guerra, a arte e a filosofia do que para trazer aos agricultores uma possível segurança econômica. Na visão do autor, nenhuma grande revolução foi feita em função da escassez de alimentos.

A crença de mitos partilhados favoreceu redes de cooperação, que não foram sempre baseadas na igualdade, mas antes na exploração e opressão. Assim se construíram, por exemplo, os anfiteatros romanos elaborados com trabalho escravo para abrigar romanos da elite assistindo

escravos se enfrentarem em combate de gladiadores. As ordens sociais que sustentavam estas redes de cooperação em massa foram ordens imaginadas, baseadas em mitos partilhados. Na visão inusitada de Harari, tanto o código de Hamurabi quanto a Declaração da Independência Americana proclamaram princípios universais e eternos de justiça, mas cada um de acordo com as peculiaridades de seu contexto e, por conseguinte, se comparados hoje entrariam fatalmente conflito. Mas para o autor os dois exemplos mostram princípios sem validade objetiva e que só existem na cabeça dos sapiens. Assim, tanto a ideia de hierarquia natural, quanto de igualdade natural não passariam de mitos, crenças partilhadas. Segundo Harari, a ideia de liberdade não faz sentido para a biologia, mas pode, juntamente com o mito da igualdade essencial do indivíduo, nos levar a cooperar para a construção de uma sociedade melhor. Nesta perspectiva, tanto o código de Hamurabi era um mito como a própria concepção de direitos humanos o é. O que leva as pessoas a acreditarem em ordens imaginadas como a democracia, o cristianismo e o capitalismo é a crença que estas ordens derivam de leis naturais e imutáveis, seja no mercado, na arena política ou nos templos. A ordem imaginada ainda entremeia o mundo material e acaba por definir nossos desejos.

Com a complexidade das primeiras sociedades o homem passa a registrar coisas e assim vai surgindo a escrita e o uso de catálogos, calendários, formulários e tabelas. A linguagem dos números se estabelece pelos algarismos arábicos que foram inventados pelos hindus. Assim, para entender a história humana é preciso tomar em consideração, segundo o autor, que não existe e nunca existiu justiça na história. As ordens imaginadas que sustentavam redes de cooperação em massa nunca foram neutras e nem justas. Corroborando este pensamento, para Harari, muitos dos que assinaram a Declaração da Independência americana eram senhores de escravos e as aspirações de liberdade proclamadas não valiam para os negros ou para as mulheres em sociedades patriarcais.

A “evolução” é mostrada passando-se por vários aspectos, mas especialmente pela ideia de como funciona a ficção do dinheiro e a engrenagem imperial das conquistas e colonizações que, mais uma vez, trouxeram expansão de poder, conhecimento e comércio, mas deixaram marcadamente rastros sangrentos de destruição, exploração e genocídio. Estas colocações de Harari, especialmente no que toca ao papel dos mitos

na formação coesa das sociedades, podem ser surpreendentes e desconcertantes ao leitor.

A terceira revolução, a Revolução Científica, impulsiona e é impulsionada pela revolução industrial. A revolução científica começou seu processo na Europa Ocidental, por volta de 1500, trazendo a ideia de progresso. Os impérios coloniais, em colaboração com a ciência, exerceram tanto poder que criaram o mundo tal como o conhecemos hoje. A disposição para reconhecer a ignorância dinamizou a ciência. O período especificamente denominado de revolução científica ocorreu em 16 de julho de 1945 quando cientistas norte-americanos detonam a primeira bomba atômica em Alamogordo, Novo México. O processo histórico que levou a Alamogordo e à lua é o que define, para o autor, o que ele chama de revolução científica. A partir daí, segundo Harari, a humanidade não apenas teve capacidade de mudar o curso da história, como também de por fim à própria história.

O trânsito entre Poder, Pesquisas, Recursos dá a lógica deste desenvolvimento no qual as instituições políticas e econômicas fornecem recursos e, de posse destes recursos, a pesquisa científica fornece capacidades que são usadas para obter novos recursos.

O dinheiro (mito do dinheiro), segundo o autor, foi e é essencial para a promoção dos impérios e também da ciência. Na modernidade, o crédito passa a ser um tipo de dinheiro que vende a confiança no futuro, ou, em outras palavras, ajuda a construir o presente à custa do futuro.

Para Harari o credo capitalista (a crença no crescimento econômico perpétuo) aparece como uma nova religião, uma ética consumista, um conjunto de ensinamentos de como as pessoas devem pensar, educar-se e comportar-se. O capitalismo foi e continua sendo decisivo no desenvolvimento do imperialismo europeu e na ascensão da ciência moderna. A ética capitalista e a ética consumista representariam apenas dois lados da mesma moeda. Para os ricos a palavra de ordem seria invista, para todos os demais a palavra de ordem seria compre. Assim se mantém uma religião com fiéis cumpridores.

Para um certo alívio, Harari nos lembra que vivemos agora a era menos violenta de nossa evolução. A mais abundante em alimentos, apesar da persistência da fome e apesar dos pesares, a mais tecnológica e evoluída. A ciência e as revoluções industriais deram aos homens poderes sobre-humanos e energia sem limites, na sua visão. No entanto, com tantos

avanços conquistados nos últimos 500 anos, a pergunta simples e fatal que o autor nos deixa é: Somos mais felizes?